

As intervenções russas no conflito entre Armênia e Azerbaijão

The russian intervention at the conflict between Armenia and Azerbaijan

Gabriel Farace*

Maria Eduarda Campos**

Marina Marcelos ***

Mirna Jade****

Pedro Henrique Brito*****

Resumo

Este estudo tratará sobre a região Nagorno-Karabakh (Cáucaso), que está situada na fronteira entre Armênia e Azerbaijão e é palco de conflitos desde a década de 80. O conflito no Nagorno Karabakh reacendeu após a dissolução da URSS. Em 1994 armênios e azeris pediram o cessar fogo. Nos últimos anos o conflito se reacendeu devido a divergência de interesses ligado à manutenção da influência da ex-URSS e os recentes alinhamentos da Ucrânia com os interesses Ocidentais. Sendo este um território geoestratégicamente privilegiado, por conta dos recursos energéticos e por estar localizado na Eurásia, Estados Unidos e União Europeia aspiram esses recursos e por outros tipos de influência política. Não obstante, a Rússia também quer manter seu controle sobre o conflito, travado por ex-repúblicas soviéticas. Os objetivos do trabalho serão analisar as manobras políticas da Rússia sob algumas de suas ex-repúblicas soviéticas e a influência que imprime sobre essas atualmente. Além disso, analisaremos as origens do conflito, fazendo uma analogia ilustrativa da crise ucraniana com o conflito pesquisado.

Palavras-Chave: Geoestratégia. Cáucaso. Rússia. Ocidente, influência.

Abstract

This study will look into the Nagorno-Karabakh region (Caucasus), which is situated on the border between Armenia and Azerbaijan and has been the site of conflicts since the 80s. The Nagorno-Karabakh conflict reignited after the dissolution of the USSR. In 1994, Armenians and Azerbaijanis called for a cease-fire. The conflict restarted in the past years because of divergent interests about the influence caused by the USSR and the recent alignments of Ukraine with Western interests. This territory is geostrategically privileged, due to energy resources and being located in Eurasia, the United States and the European Union desire all these resources and other types of political influence. Nevertheless, Russia also wants to maintain its control over the conflict, fought by former Soviet republics. The objectives of the work will be to analyze the political maneuvering of Russia under some of the former Soviet republics and how this influence of the Russians inflicted recently. Besides that we're going to analyze the beginning of the conflict, making an illustrative analogy of the Ukrainian crisis with the conflict in research.

Keywords: Geostrategy, Caucasus, Russia, Occident, influence.

* Graduando em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: gabrielfarace@hotmail.com

** Graduanda em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: dudacgc@gmail.com

*** Graduanda em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: mirna.jade@hotmail.com

**** Graduanda em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: ninamarcelos@gmail.com

***** Graduando em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: pedro_brito@outlook.

Introdução

O tema do artigo são as intervenções Russas no conflito entre Armênia e Azerbaijão. O problema de pesquisa é qual a relação entre a intervenção russa no conflito entre Armênia e Azerbaijão e a preservação do equilíbrio geoestratégico da região do Nagorno-Karabakh. Os objetivos são avaliar quais são as influências exercidas pela Rússia nas ex-repúblicas soviéticas e quais manobras políticas os russos vêm concebendo para evitar o conflito, descobrir se a crise ucraniana interfere no conflito e analisar como as posições divergentes influenciam no reacendimento do conflito que foi congelado em 1994 com o cessar-fogo.

Na primeira parte do artigo, trataremos no tópico contextualização o mapeamento geográfico do conflito, mostrando a localização de toda a província do Nagorno-Karabakh e os Estados envolvidos, também apresentaremos a origem do conflito. Na segunda parte discutiremos sobre as teorias que podem explicá-lo. Na terceira parte faremos uma apreensão do papel dos EUA, da União Europeia, da OSCE e principalmente da Rússia no conflito. Na quarta e última parte, nós iremos analisar as mudanças na política externa russa nos períodos distintos dos governos Gorbachev, Yeltsin e Putin, e também esquematizaremos a geopolítica na região do Cáucaso.

Contextualização

É possível que algumas fontes façam referência a região do Cáucaso para abordar o conflito Nagorno-Karabakh uma vez que a Armênia e o Azerbaijão, junto aos outros países vistos no mapa acima, estão situados nesse setor. Essa é uma área que faz mediação com a Europa Oriental e a Ásia Ocidental, está localizada a oeste do Mar Negro e a leste do Mar Cáspio, além disso, possui um território montanhoso e também composto por planícies. Considerando a importância geopolítica das fronteiras com a Europa e a Ásia somadas aos recursos minerais e as diferenças étnicas, o Cáucaso tem sido palco de muitos conflitos desde o fim da URSS. O foco do estudo é a localidade da Transcaucásia, que remete a porção sul do Cáucaso: Armênia, Geórgia e Azerbaijão. Esse mapa concentra-se na Transcaucásia onde se encontra o lócus do conflito, denominada região Nagorno-Karabakh, a República do Azerbaijão, o enclave de Naquichevão delimitado pela Armênia, a República da Armênia e a sua área ocupada. Nagorno-Karabakh faz

fronteira com o Azerbaijão ao leste com a Armênia a oeste onde se encontra cercado pelas forças armênias. Além disso, sua capital é a cidade de Stepanakert (ANEXO A).

A República do Azerbaijão está tomada a oeste pela Armênia, ao sul pelo Irã, a leste pelo Mar Cáspio, ao norte pela Rússia e ao noroeste pela Geórgia e pela Turquia, ou seja, é um país transcontinental. É também um território montanhoso, onde se situa a maior parte da Cordilheira do Cáucaso. O enclave - território com diferenças de cunho político, social ou cultural que está localizado dentro de outro território - de Naquichevão é uma República autônoma do Azerbaijão, faz fronteira com ao sul com Irã, ao leste com a Armênia e ao noroeste com a Turquia. É uma área desértica e também possui relevo montanhoso, sua capital é a cidade de Baku. Já a República da Armênia fronteira á oeste pela Turquia, a leste pelo Azerbaijão, ao norte pela Geórgia e ao sul pelo Irã, não possui costa marítima em seu território montanhoso, “divide” com o Azerbaijão o enclave de Naquichevão e sua capital é a cidade de Yerevan. A província de Nagorno-Karabakh está localizada na região do Cáucaso. É um enclave situado no sudoeste do Azerbaijão. É uma região povoada por armênios, porem território de azerbaijano (OVAL.AZ, 2016).

Dada às informações do mapeamento geográfico podemos falar sobre a origem do conflito, que começou após queda do império russo durante a Primeira Guerra Mundial que permitiu que Armênia, Azerbaijão e Geórgia declarassem sua independência. Antes disso, os armênios e azeris viviam em paz (ALLES, 2011). O domínio sobre a área começa a partir da tomada de decisão em que Stalin colocou esta zona nas mãos dos azeris. A principio, o futuro líder soviético havia prometido a província para os armênios, entretanto, mudou de ideia porque esta decisão dificultaria sua relação com a Turquia, país este que a Rússia tentava submeter ao pensamento comunista (COELHO, 2016).

De acordo com Rubin e Pruit (1994), o conflito é uma divergência de interesses e crenças que não podem ser atendidas simultaneamente. O conflito surge quando Parte entende que suas aspirações são diferentes do Outro. Quanto mais rígidas são as aspirações, mais difícil será de chegar a um acordo. Ou seja, a dificuldade de se chegar a um acordo no conflito na região deve-se ao fato de que Parte (Azerbaijão) e Outro (armênios e povo do Nagorno-Karabakh) têm interesses e crenças diferentes, dado que a população

da província é de maioria cristã e quer a independência da região. Já os Azeris querem que o local continue sendo território do Azerbaijão. Isso faz acreditar que o conflito não possa ser resolvido por causa das crenças e dos interesses que são divergentes, dificultando a possibilidade de concessão.

Maior parte da população do Nagorno-Karabakh é cristã de origem armênia, diferente do povo azeri que são de muçulmanos xiitas. Logo após a dissolução da União Soviética o Parlamento da província ganhou força para instalar o processo de independência. De um lado haviam os azerbaijanos, lutando para reconquistar a área, de outro o povo do Nagorno-Karabakh, com o apoio dos armênios lutavam para se tornarem independentes (COELHO, 2016).

A questão religiosa do conflito, apesar de não ser a causa principal, aparece como um elemento contribuinte para a escalada deste conflito no Nagorno-Karabakh. Os armênios que ali viviam sofreram duras opressões durante o período em que a região estava sujeita ao domínio azeri. Toda uma cultura secular armênia existente no território sofreu bastantes privações, principalmente em relação à sua liberdade religiosa, pois os armênios católicos ortodoxos, apesar de ser maioria ali, passaram a ser subjugados e perseguidos pelos azeris (MENDONÇA, 2012).

A teoria do reconhecimento usa como ponto de partida tais divergências culturais, étnicas e religiosas com o objetivo de mostra o quão necessário é a aceitação da pluralidade. Os fundamentalistas sejam eles armênios ou azeris são aqueles que perpetuam a ideia de que sua religião é de certa forma única e que todas as outras religiões deveriam perder seu espaço. O pluralismo como uma corrente que prega o respeito ao multiculturalismo, seja ele em seus mais diversos aspectos, não entraria em acordo com o que se vê nessa ocasião, onde temos armênios reprimindo azerbaijanos e vice-versa. Esta corrente ainda ressalta a importância das demais religiões numa sociedade justamente para manutenção e preservação dessa aceitação de deveria existir entre os países conflitantes (FUHRMANN, 2013).

Contudo, conceito de pluralismo faz alusão ao fato de existir, em meio a uma sociedade, diversas religiões. Isto gera a necessidade de coexistência, do diálogo, de relações entre essas, diferente das relações existentes nos lugares em que há o prevalecimento de apenas uma religião, como vemos no cenário do entre armênios e

azerbaidjanos. Num plano interno, o pluralismo religioso aborda, para aqueles que creem, uma situação em que devem conviver com visões diferentes do mundo advindas dos espaços religiosos que convergem na sua própria fé (LAZARTE, 2012).

O direito de seguir ou não a nação separatista é assegurado por regiões autônomas que faziam parte da URSS, mas decidiram se desmembrar. Com isso, o Nagorno-Karabakh, com o apoio dos armênios decidiu por não seguir o Azerbaijão, querendo assim estabelecer uma nova republica. Isso gerou uma violenta guerra que durou de fevereiro de 1988 até maio de 1994, quando a Rússia mediou à assinatura do cessar fogo a partir do Protocolo de Biskeque. Após a guerra, que matou milhares de pessoas, a Armênia conseguiu recuperar parte do território, garantindo a formação de uma nação independente, mas que não é reconhecida internacionalmente (CONSIGLIO, 2014).

Da mesma forma, todas as sociedades tem o direito de escolher entre começar uma guerra ou não. O conceito de guerra justa é uma guerra moralmente legítima no que diz respeito ao direito de iniciar uma guerra (*jus ad bellum*) e também no de entrar em uma guerra (*jus in bellum*). A teoria tradicional começa com Santo Agostinho, para ele três condições poderiam caracterizar uma guerra justa são elas “causa justa, intenção reta nas hostilidades (evitar fazer o mal e procurar fazer o bem) e declaração por autoridade competente” (BOEING, 2011).

Boeing (2011) conta que no século XVII, a guerra justa ganha dimensões no direito internacional a partir de Hugo Grotius. Grotius diz que a guerra é justificável quando defende a vida e o pudor. Portanto, dado as explicações da teoria de guerra justa, pode-se afirmar que o Azerbaijão considerava entrar em uma guerra com a província do Nagorno-Karabakh, justa, isso porque em que (TERRA, 2017) os azeris acreditam que apoiar a independência da província, não é uma ação que fomentará a paz. Ao se sentirem ameaçados, os Azerbaidjanos poderiam reconquistar a província com o uso da força para se chegar a paz e a ordem, devido a essas circunstancias, nenhum outro ator poderia questionar essa atitude dos azeris.

Fernandes (2013) lembra que a Republica do Azerbaijão é uma das mais ricas da região do Cáucaso. O país é rico em petróleo e gás natural, isto faz com que a região do Cáucaso seja bastante disputada por causa disso.

PERSPECTIVAS TEÓRICAS

Para analisar a questão das influências dos atores internacionais no conflito do Nagorno-Karabakh e região do Cáucaso, tomemos como base a teoria do realismo ofensivo apresentada por John Mearsheimer (2001), como também a abordagem neorealista e construtivista para explicar de modo pertinente e associá-las aos alinhamentos e alianças presentes naquele cenário regional conflituoso.

Resumidamente, o realismo ofensivo de Mearsheimer (2001) baseia-se na noção de que as grandes potências sempre buscam meios de maximização do seu poder sobre seus concorrentes, deste modo, tendo a hegemonia como fim último. O motivo de existir essa competição fundamenta-se no pressuposto de que o sistema internacional apresenta uma estrutura anárquica. Para defender essa ideia, Mearsheimer estabelece alguns pressupostos, sendo estes: A já citada anarquia internacional, o poder militar, a opacidade dos Estados, a sobrevivência destes Estados e por último a racionalidades desses atores.

O primeiro pressuposto traduz-se na ideia de que acima dos Estados não há um governo capaz de assegurar a ordem usando meios coercitivos. Para explicar o conceito, a partir da definição de Waltz (2002) faz-se uma comparação entre o sistema internacional ao princípio ordenador dos Estados, onde de um lado temos a ausência do monopólio do uso legítimo da força, e de outro a existência deste (MEARSHEIMER, 2001).

No pressuposto do poder militar é explicitada a ideia de que inevitavelmente as grandes potências detêm uma capacidade militar ofensiva e desta forma mostram-se como possíveis ameaças umas às outras. Assim, o poder militar é uma condição *sine qua non* para que um Estado se configure como grande potência (MEARSHEIMER, 2001).

O terceiro pressuposto, a opacidade dos estados, afirma que as intenções do outro sempre são incertas, por isso, opacas. Desta forma, baseia-se no fato de que não há como saber de forma precisa quais são as reais intenções dos demais. De maneira mais profunda, isso significaria que um estado nunca poderia ter certeza se o outro utilizará seu poder ofensivo para agredi-lo (MEARSHEIMER, 2001).

No quarto pressuposto vemos como objetivo prioritário dos Estados a sua sobrevivência, já que esta é uma condição basilar

para se alcançar qualquer outro objetivo, assim, sobreviver é mais importante. Logo, assegurar a estabilidade política doméstica e a totalidade territorial é fundamental (MEARSHEIMER, 2001).

Finalmente, no quinto pressuposto é estabelecido que temos as grandes potências como atores racionais, fazendo o propósito estratégico como parte do seu comportamento e este seria conduzido conforme o ambiente externo e a conduta dos demais atores (MEARSHEIMER, 2001).

Para concluir, é dos recursos militares que provém o poder dos estados, seja direta ou indiretamente, diz Mearsheimer (2001). Por sua vez, os Estados estão a todo momento em busca da maximização da sua parte na distribuição do poder mundial sobre os demais adversários, sendo esta a mais efetiva estratégia para sua sobrevivência. A partir desse comportamento os estados buscam realizar seus interesses nas áreas que podem influenciar com seu poder, assim como também resulta na disputa por segurança, o que conduz as grandes potências a terem maior sensibilidade ao ganho de poder relativo de seus competidores.

Desta maneira Mearsheimer afirma que:

[...] conseqüentemente, Estados prestam muita atenção em como o poder é distribuído entre eles, e despendem especial esforço para maximizar sua fatia na distribuição global de poder. Especificamente, eles buscam oportunidades para alterar a balança de poder em seu favor, adquirindo incrementos adicionais de poder à custa de seus potenciais rivais (MERSHEIMER, 2001, p. 33-34).

É nesse contexto de balança de poder, de acordo a visão de Waltz (1979) e de uma forma mais geral nas abordagens neorrealistas, que as alianças surgem. Nessas alianças os Estados se unem de maneira a intensificar suas capacidades militares e disputar o poderio superior de um Estado hegemônico.

A teoria da balança de ameaças, apresentada por Walt (1987) com base em Waltz, percebe que, regularmente, no que diz respeito a poder as alianças não são equilibradas. Walt teoriza que os países firmam alianças na intenção de lidar com ameaças comuns e não apenas contrapor o poder hegemônico. Proximidade geográfica, capacidades ofensivas e agressividade de intenções são os elementos que caracterizam a ameaça expressa por um país.

Tais justificativas neorrealistas, que favorecem a atuação determinante da estrutura do sistema internacional sobre o processo de constituição de alianças, têm sido debatidas por abordagens

teóricas que tem base em fatores domésticos (SOUZA; MORAES, 2015). Barnett e Levy (1991) avaliam os motivos internos da constituição de alianças, dizendo que Estados enfrentam um dilema entre financiar o desenvolvimento de seus meios militares ou realizar outros gastos sociais. Assim, as alianças aparecem como resposta a esse impasse, possibilitando que Estados procurem a proteção de outros Estados maiores. Aqueles que o poder depende por meio de gastos sociais para preservação da estabilidade política, social e econômica tem tendência a buscar a formação de alianças. Desta maneira, incentivos estruturais e elementos que operam na esfera doméstica condicionam a decisão de se aliar com outros Estados. Contudo, a agregação de capacidades militares continua como a mais fatídica razão e incentivadora para a formação de alianças, como na perspectiva neorrealista (SOUZA; MORAES, 2015).

Qual a causa, então, de a Rússia, Estados Unidos, União Europeia se empenharem tanto para constituir e fomentar a coalizão e alinhamento dos os atores conflitantes na região do Cáucaso? Perspectivas teóricas construtivistas contribuem para a resposta desse questionamento. Com base nessas abordagens, as normas, valores compartilhados e identidades caracterizam quais comportamentos mais se encaixam, conduzindo as ações dos Estados até as ações que tangem a questões militares e de segurança. Deste modo, em contraposição com o neorrealismo e abordagens de política doméstica que dão preferência ao poder físico, especificamente o militar, a abordagem construtivista privilegia questões ideacionais.

Desta maneira, conclui-se que:

para os construtivistas, as alianças militares não resultam necessariamente da exigência de agregar poder militar e de uma lógica das consequências, mas sim de uma lógica do que é apropriado em dado contexto histórico e social (SOUZA; MORAES, 2015, p.772).

Com base nisso, a aliança entre Armênia e Rússia pode ser analisada por uma perspectiva em que a Armênia busca apoio e proteção de um potência num momento de conflito, enquanto a Rússia busca reforçar sua influência sobre aquele território, mas isso sempre de acordo ao contexto em que esta se encontra, pensando assim a apoiar Armênia, ainda que mantendo uma aliança econômica com o Azerbaijão e este uma relação indireta com os EUA e se alinhando ao ocidente a partir de suas relações, visto que a região do Cáucaso tem propensão a conflitos por conta a sua localização estratégica, e por sua multiplicidade de etnias e culturas que

vivem na região, também por ser alvo de interesse das potências globais que a cerca (WEBER, 2016).

Apreensão das ações

As intervenções tanto da Rússia quanto de outros atores externos ao conflito influenciaram na configuração deste. Essas ações sempre baseadas na demanda de seus interesses que muitas vezes chegaram a divergir.

Estados Unidos da América

Raimondo (2016) conta que desde a queda da União Soviética, os países ocidentais, principalmente os Estados Unidos possuem um interesse cercar a Rússia e aumentar sua influência no território das ex-repúblicas soviéticas. As razões são a geopolíticas e econômicas. Em 1994, o governo azeri fechou contrato com um consórcio de grandes empresas de petróleo do Ocidente. Além dos interesses econômicos na região, os EUA também é grande mediador da paz no local. Um dos exemplos é que no dia 30 de março o secretário de Estado John Kerry se encontrou com o presidente do Azerbaijão Ilham Aliev para resolver o conflito na região do Nagorno Karabakh. (STATE, 2016). John Kerry também pediu “que os dois lados se sentem à mesa das negociações, sublinhando que ‘os Estados Unidos condenam fortemente as violações em larga escala do cessar-fogo’ que vigorava na região” (GOUVEIA, 2016).

Apesar de quererem resolver o conflito no Nagorno-Karabakh, os EUA não reconhecem a província como um Estado soberano. Nas eleições em setembro de 2015, o Departamento de Estado dos EUA soltou uma nota dizendo: “No contexto de uma solução global para o conflito, reconhecemos o papel da população de Nagorno-Karabakh para decidir o seu futuro. Mas será que os Estados Unidos não reconhecem Nagorno-Karabakh como um Estado soberano e independente e nós não aceitaremos os resultados das eleições em 13 de setembro, uma vez que afeta a situação legal da região” (ARMENIAETERNA, 2015).

Os Estados Unidos por meio de sua política externa abrangente e intervencionista tenta alcançar a região do Cáucaso na intenção de formar alianças militares, como na Turquia, e estar mais próximo a Rússia objetivando cercá-la com sua influência. Essas alianças chegaram a colocar Rússia e Estados Unidos

mais uma vez em posições de divergência, isso acontece em exemplo após a Revolução Rosa que ocorreu na Geórgia apoiada pelos EUA trazendo grande aproximação entre estes dois (MEARSHEIMER, 2014).

O anseio georgiano em se incorporar militarmente ao Ocidente prosseguiu avançando no passar dos anos seguintes. Depois da reeleição do presidente georgiano Saakashvili, em janeiro de 2008, membros da OTAN admitiram os progressos internos da Geórgia, que tem relevância no que diz respeito a sua adesão: ben-disseram o avanço conquistado em elaborar uma economia liberal e em efetuar eleições democráticas (NICHOL, 2008). Segundo a teoria que aqui se utiliza vê essa aliança da Geórgia e EUA como forma deste primeiro buscar proteção e apoio de um estado maior ampliando desta maneira suas capacidades militares para garantir a integridade do seu território, o que é um dos pressupostos do realismo ofensivo.

União Europeia

A rica base energética do Cáucaso atrai não só os americanos, como também os Europeus. Atualmente a União Europeia busca avançar com políticas no entorno do Mar Negro para que estas salvaguardem seus interesses nas pautas energéticas, na resolução de conflitos como o do Nagorno-Karabakh, no equilíbrio político como também na sustentabilidade econômica e ambiental. O Azerbaijão também é um grande parceiro na construção de pontes sobre o Cáspio que ligam a União Europeia à Ásia Central. Devido à localização estratégica, a UE tem aumentado suas relações com o Azerbaijão. Frade (2013) explica que as políticas relacionadas à criação de oleodutos e gasodutos foram fundamentais para a segurança energética da Europa e, segundo Simão (2012) para garantir uma colaboração maior entre UE e os estados Euro-asiáticos.

A PEV (Política Europeia de Vizinhança) traz consigo um caráter, a partir de uma perspectiva do realismo ofensivo, expansionista e com fim de fazer-se presente no Cáucaso em busca de aumentar seu poder e influência ali afim de, como já citado, garantir sua segurança energética através de relações bilaterais com os países que ali estão, o que muitas vezes pode ser interpretado como efeito de uma estratégia do ocidente para maximização de seu poderio às custas dos interesses da Rússia (MEARSHEIMER, 2014)

OSCE

A OSCE se comprometeu na mediação do conflito Nagorno-Karabakh criando o grupo Minsk para tentar uma resolução pacífica entre armênios e azeris, no mesmo ano do cessar-fogo (1994) tendo França, Estados Unidos e Rússia como membros de um conselho dirigente, ou seja, esses três estados possuem poder de veto nas decisões. (GARIBOV, 2016). OSCE é uma organização internacional que “nasce” de uma Conferência, a Conferência de Helsínquia que foi programada para se discutir a segurança na Europa, no qual 35 Estados participaram com a leitura de que após a eminência de muitos confrontos ideológicos e não ideológicos a adoção de uma política externa de cooperação poderia ser capaz de maximizar interesses comuns no continente. Isso é um exemplo prático de Cooperação nas Relações Internacionais (OSCE, 2016).

Porém, é apontado que a OSCE vem comentando falhas na missão por prezar pela neutralidade majoritariamente no tratamento do conflito. Entretanto é importante considerar que a organização não possui poderes supraestatais, logo não é qualquer curso de ação que será legitimado pelos países envolvidos no conflito (Armênia e Azerbaijão) e o próprio conselho de segurança, o que acarreta na escalada ou no congelamento da guerra (GARIBOV, 2016).

Herszenhorn (2015) conta que nos últimos anos é possível analisar uma eminente escalada, tendo em vista a divergência das aspirações dos dois Estados. Dado os últimos confrontos em Abril no na província, a OCSE voltou com as propostas de negociações ressaltando a importância do comprometimento de ambas as partes (GARIBOV, 2016)

Desde o surgimento do conflito, os russos tem sido chave do grupo de Minsk da OSCE. Este organismo internacional foi criado em 1994 para fornecer um caminho para a paz no conflito Nagorno-Karabakh. Junto da Rússia estão a França e os Estados Unidos. Em maio de 2016, o grupo declarou que os presidentes da Armênia e do Azerbaijão deveriam se encontrar para a retomada de negociações do conflito na região do Nagorno Karabakh (INDJAIAN, 2016).

No início, a Rússia apoiou plenamente o grupo Minsk. Mas em 1993 Rússia reativou seu esforço de mediação independente. Rússia desejava restabelecer seu domínio na região e excluir forasteiros, ou seja, a dos Estados Unidos e Turquia. Moscou gostaria de restabelecer o controle da antiga fronteira soviética [Azerbaijão] com Turquia e Irã, e de participar das riquezas petrolíferas do

Azerbaijão. Para realizar estes objetivos, a Rússia tem pressionado o Azerbaijão a aceitar a reentrada das tropas russas como guardas de fronteira. Por alavancagem, os russos têm utilizado uma ameaça implícita, mas dramática: Se Azerbaijão não cumprir, a Rússia vai reforçar o seu apoio para a Armênia com resultados militares desastrosos para os azeris (MARESCA, 1994, p. 1).

Rússia

A Rússia tem um interesse estratégico na dissolução do conflito e tem desempenhado um papel pacificador. Apesar disso, Moscou tem usado o conflito para ganhar vantagens táticas sobre Armênia e Azerbaijão. Desta forma os russos manterão uma posição no Sul do Cáucaso. Durante a guerra na década de 90, a Rússia jogou pelos dois lados, até ajudar os armênios na ultima fase do conflito naquela época (WAAL, 2015).

As intenções da Rússia no Cáucaso são objetos relevantes para o estudo dessa dissipação das divergências nessa região (XAVIER, 2015). Isso porque, com sua política externa, a Rússia procura avançar o processo de recuperação da sua hegemonia na região do Cáucaso através de duas estratégias, estas sendo a maximização do poder e perturbação da presença dos EUA na região. Estratégias definidas pelo realismo ofensivo (CAMPOS, 2014).

O comportamento da Rússia nesse conflito é questionável, isso porque, o país tem ligações históricas com a Armênia, tanto por parte étnica quanto religiosa, e também vínculo com o Azerbaijão devido aos recursos energéticos do Cáspio que o Azerbaijão tem acesso. O país russo se colocava como neutro perante o conflito, mas na prática fornecia armas e equipamentos militares para os dois países que se encontravam em choque (RUIZ, 2014).

Apesar de se beneficiar com o conflito, tendo em vista a situação que se encontra no sudeste da Ucrânia, a Rússia não está interessada num descongelamento do conflito entre Armênia e Azerbaijão, pois pela relação que existe entre os russos e armênios teriam que por fim tomar partido e ficar ao lado da Armênia (FEDYASHIN, 2014), o que fragilizaria, na melhor das hipóteses, a sua relação diplomática com os azeris. Por conta dessa situação, a Rússia se vê em meio a necessidade de intervir como mediador, o que na opinião de muitos especialistas e estudiosos do caso, tem um motivo muito específico que é a ampliação da influência russa no Cáucaso, de maneira que impeça a ultimização de acordos de

associação comparáveis ao que a Ucrânia assinou juntamente com a União Europeia (BIZZOTTO, 2014). Todo esse processo de apaziguamento e preservação do status quo no Cáucaso, que tem sido atualmente desestabilizado por efeito das disputas entre armênios e azeris, certamente, propiciaria de forma célere o desenvolvimento do projeto de unificação impulsionada por Vladimir Putin. Está se tornando cada vez mais visível o propósito final do Kremlin: na intenção de recriar uma espécie de bloco do Leste que tenha o poder de neutralizar a influência tanto econômica quanto militar dos Estados Unidos e da União Europeia, endossando a criação de uma nova superpotência que consiga influenciar o equilíbrio global da geopolítica (MEARSHEIMER, 2014).

As relações entre Rússia e Armênia são muito fortes. Um grande exemplo desta parceria é que em 1995 a Rússia reforçou a sua aliança a partir de laços de segurança com a Armênia, através de uma assinatura que permite que os russos mantenham sua base militar no território Armênio até 2020. No entanto, os russos acreditam que ambas as relações com Armênia e Azerbaijão são muito importantes para a Rússia. Isso porque, caso haja uma aproximação dos russos e dos armênios, existe uma preocupação de que os azeris questionem se podem confiar ou não na Rússia. Portanto, ainda não há como saber se os esforços de manutenção da paz de Moscou em Nagorno-Karabakh irão resultar em uma solução duradoura para esta região (BLAGOV,2016).

Walker (2014) conta que Siegfried Wöber, membro do grupo para o Cáucaso do Conciliation Resources, ONG que atua na região disse:

como os próprios países, ninguém na comunidade internacional está interessado na volta da guerra. Mas, ao mesmo tempo, certos círculos em Baku (Azerbaijão), em Yerevan (Armênia) e também em Moscou parecem preferir um certo nível de instabilidade. [...] Dessa forma, Moscou mantém influência política de ambos lados, além de ganhar somas consideráveis com a venda de armas para os dois lados, enquanto oficialmente é um mediador (WAKER, 2014, p. 1).

Para Alexey Malashenko, essa pode ser uma boa oportunidade para que Putin prove suas habilidades diplomáticas “Se a Rússia conseguir avanços em direção à paz pode ajudar a restaurar sua reputação internacional” (WALKER, 2014). Habilidades diplomáticas essas que não tem moral na sociedade internacional.

Todo esse processo de apaziguamento e preservação do status quo no Cáucaso, que tem sido atualmente desestabilizado por efeito das disputas entre armênios e azeris, certamente, propiciaria de forma célere o desenvolvimento do projeto de unificação impulsionada por Vladimir Putin. Está se tornando cada vez mais visível o propósito final do Kremlin: na intenção de recriar uma espécie de bloco do Leste que tenha o poder de neutralizar a influência tanto econômica quanto militar dos Estados Unidos e da União Europeia, endossando a criação de uma nova superpotência que consiga influenciar o equilíbrio global da geopolítica (MEARSHEIMER, 2014).

Análise

A análise aqui feita tem base na política externa russa e o cenário geopolítico da região do Cáucaso, elementos esses que são de suma importância para a compreensão dos acontecimentos nas últimas décadas.

Política Externa Russa

O conflito no Nagorno Karabakh acontece em períodos distintos e paralelamente a política externa russa veio mudando de acordo com os seus líderes. A partir disso, a importância das ações dos últimos três governos russos foi importante para compreender o conflito na região.

Gorbachev (1985-1991)

Quando Mikhail Gorbachev assumiu a liderança do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) foram propostas reformas que visavam manter a posição de grande potência soviética, dentre essas mudanças estão as políticas da Perestróika, que tinha o interesse de reestruturar a economia e a política do país e a Glanot, que junto da anterior visava dar mais transparência às ações do governo, além de mais liberdade à população.

De acordo com Jubran (2012) citado por Machado e Souza (2015) política externa, o governo reduziu as despesas militares, abriu o país para a economia mundial e passou a cooperar mais com o ocidente.

A aproximação do Ocidente significava que, segundo Machado e Souza (2015) era necessário acabar com a Guerra Fria, já que

a economia não ia bem e o Kremlin não era capaz de sustentar tal carga bélica (OKUNEVA, 2010 apud MACHADO; SOUZA, 2015). Com isso, houve uma melhora nas relações entre os americanos e soviéticos (STONE, 2006).

De acordo com Machado e Souza (2015), com o passar dos anos, a crise foi piorando e a situação do bloco soviético também. Gorbachev tentava assinar um novo tratado para evitar o rompimento da União, mas as repúblicas as rejeitaram e não firmaram o tratado.

Em relação ao conflito no Nagorno-Karabakh, para Mammadov (2012) Gorbachev foi muito influente na decisão dos armênios de lutar pela anexação da região, uma das evidências são que, um dos conselheiros econômicos do ex-presidente, o acadêmico Abel Aganbekyan, foi um dos principais ideólogos do separatismo armênio no Karabakh, além de que os conflitos entre armênios e azeris tornou-se ainda mais ativo após a tomada de poder de Gorbachev em 1985.

Yeltsin

O governo de Yeltsin foi marcado por duas fases. A primeira, Yeltsin acelerou o plano de Gorbachev, que era a aproximação com os EUA (DONALDSON; NOGEE, 1998 apud MACHADO; SOUZA, 2015) e, com isso, entre 1991 e 1993 os russos procuravam uma parceria com os norte-americanos. Entre 1994 e 1996, o Kremlin procurou por uma estratégia mais autônoma. E entre 1996 e 1999 notou-se uma reorientação da política externa para outros polos de poder, como Ásia e América Latina (JUBRAN, 2012 apud MACHADO; SOUZA, 2015).

De acordo com Jubran (2012) citado por Machado e Souza (2015) a aproximação dos norte-americanos na primeira fase ocorreu, pois a elite russa confiava que os EUA iriam colaborar financeiramente visto que a Rússia passava de uma economia socialista para uma lógica de mercado capitalista. Na ausência do auxílio econômico, os russos notaram sua fraqueza internacional quanto à cooperação com o Ocidente. Com isso, segundo Machado e Souza (2015) as diretrizes russas acabaram mudando, pois o foco agora era reposicionar a Rússia no Sistema Internacional, principalmente no espaço regional (MACHADO; SOUZA, 2015). De acordo com Okuneva (2010), citado por Machado e Souza (2015):

não obstante, ainda que oficialmente as prioridades externas russas tenham mudado, a cooperação com o Ocidente não foi inter-

rompida. Concomitantemente, os Estados do exterior próximo, recém-independentes, preferiram distanciar-se da Rússia, visto o longo período de domínio moscovita perante essa região (OKUNEVA, 2012 apud MACHADO; SOUZA, 2010, p. 51).

Segundo Machado e Souza (2015) em 1996, Kosyrev deixa o cargo de chanceler e quem assume é Evgeni Primakov (SEGRILLO, 2000 apud MACHADO; SOUZA 2015). Para Okuneva (2010) e Tsygankov (2010), conforme citado por Machado e Souza (2015) a troca de chanceler alterou consideravelmente a política externa russa. O interesse russo, de acordo com Machado e Souza (2015) era a integração com instituições ocidentais e o restabelecimento da Rússia como grande potência, balanceando a hegemonia com os norte-americanos (TSYGANKOV, 2010 apud MACHADO; SOUZA, 2015). Para isso, segundo Machado e Souza (2015) o Kremlin expandiu suas relações com diversas regiões, sendo ela a Ásia, ex-repúblicas soviéticas, a América Latina e o Oriente Médio (SEGRILLO, 2010; JUBRAN, 2012 apud MACHADO; SOUZA, 2015), desenvolvendo mais suas relações com a China, Índia, Alemanha e França, e assim contribuindo na formação de alianças que se contrapunham aos EUA (LO, 2002 apud MACHADO; SOUZA, 2015).

Quanto ao conflito no Nagorno-Karabakh, a posição de Yeltsin era de mais imparcialidade. Em 1997, o presidente concordou em encontrar com os presidentes da Armênia e do Azerbaijão para discutir sobre uma possível resolução do conflito (ARMENIA/AZERBAIJAN: YELTSIN WANTS NAGORNO-KARABAKH SUMMINT).

Putin

Segundo Godmirski (2008), conforme citado por Machado e Souza (2015), o governo de Putin marcou o início da recuperação da Rússia. O governo procurou redefinir suas metas e entender melhor o Sistema Internacional de forma menos liberal e mais realista. Com essas mudanças, houve, segundo Machado e Souza (2015) um progresso econômico e com isso foi possível consolidar o poder estatal, podendo focar numa política externa mais voltada para a melhoria interna. Machado e Souza completa que:

essa nova política externa pode ser melhor entendida a partir das considerações neorrealistas. Jeffrey Mankoff, em sua obra sobre política externa moscovita, evidencia o contraste do posicionamento da Rússia no Sistema Internacional no imediato período pós-soviético com a postura russa no início do novo milênio. Para

os teóricos neorrealistas o Sistema Internacional é anárquico, e o comportamento dos atores estatais é definido de acordo com a distribuição de capacidades de poder entre os agentes. De um Estado como a Rússia, que sofreu uma redução extrema de poder relativo nos anos 1990, seria esperada a contração de seus anseios geopolíticos, de forma que esses condissessem com sua nova posição de poder internacional. E foi claramente isso que aconteceu no período de Yeltsin; com menos poder internacional, a Rússia passou de superpotência para um ator com papel reduzido na cena global. Por outro lado, quando há a maximização do poder relativo de um Estado, esse tende a buscar mais espaço no cenário internacional (MANKOFF, 2009 apud MACHADO; SOUZA, 2015, p 53).

Machado e Souza (2015) completam que claramente, a política externa do governo Putin se distanciou da que foi praticada por Yeltsin, mas apesar disso, se observou que houve continuidade na cooperação dos EUA (MAZAT; SERRANO, 2011 apud MACHADO; SOUZA, 2015).

Os objetivos da política externa russa, segundo Machado e Souza (2015) eram a garantia da segurança e da soberania estatal, a manutenção da posição relevante da Rússia no Sistema Internacional, o desenvolvimento econômico e tecnológico do país, a promoção de políticas de paz e segurança e por fim o estabelecimento de boas relações com os estados vizinhos (WALLERSTEIN, 2007 apud MACHADO; SOUZA, 2015).

No seu governo, Putin sempre procurou mediar as negociações de paz entre Armênia e Azerbaijão. Ele continua fazendo isso após a estabilização do conflito. Em 2014, ele encontrou com ambos os presidentes da Armênia e do Azerbaijão para conversar sobre o Nagorno Karabakh, que ainda é palco de conflitos armados e existe uma possibilidade de reacendimento do conflito (KOLYANDR, 2014).

Geopolítica no Cáucaso

O Cáucaso tem sua importância geopolítica, com já frisado, associada ao seu potencial energético e é tido como uma alternativa diversificada nesse recurso tanto para a Europa quanto para a Rússia. Muitas literaturas justificam a instabilidade da Ásia Central pela riqueza energética. Há uma competição entre as empresas, os atores regionais e os Estados sobre o controle das decisões dos recursos da região. Porém as relações de proximidade e as rivalidades do âmbito regional são melhores compreendidas se não forem restringidas apenas a questão energética (DUARTE, 2014).

A conquista do Cáucaso pela Rússia, as clivagens étnicas e a restituição da independência da Geórgia, Armênia e do Azerbaijão são marcos que fundamentam a geopolítica da Ásia Central, sendo importante destacar o caráter não autônomo vigente de outros Estados (DINIS, 2013).

O norte do Cáucaso é todo pertencente a Rússia e está politicamente dividido entre dez entidades. A questão da Chechênia é o conflito mais notório, quando esta declara a sua independência em 1991, Yeltsin responde com o envio de tropas russas dando início a sucessões de ofensivas que se estendem até o momento. Os separatistas desejam fundar estado teocrático islâmico. Porém a possibilidade de uma solução pacífica é remota, uma vez que após o atentado de 11 de Setembro a Rússia vem sendo pressionada a se manter no conflito (BBC BRASIL, 2016).

Além das fronteiras do norte, o sul também enfrenta grande instabilidade por seus conflitos. A Geórgia é o principal ator com duas regiões como parte do seu território, Ossétia do Sul e Abecásia. Desde que conquistou sua independência a Geórgia lida com as aspirações separatistas da Ossétia do Sul e da Abecásia. O governo russo oferece apoio militar a Ossétia do Sul e a Abecásia, uma vez que a Geórgia possui alinhamento com o ocidente, porém esse mesmo governo não reconhece a independência das regiões, temendo uma outra guerra com o país que o derrotou e conseguiu sua independência (DINIS, 2013).

Do ponto de vista do Ocidente, após o declínio da URSS, a UE pretendia contribuir para a estabilidade no Cáucaso com a finalidade de que as republicas independentes seguissem um modelo democrático ocidental. Entretanto os regimes islâmicos radicais passaram a ser a maior preocupação, principalmente após os ataques terroristas de 11 de Setembro. Essa preocupação somada ao posterior reconhecimento do potencial energético da região fez com que houvesse um maior envolvimento guiando políticas focadas nesse setor, por exemplo a participação dessas repúblicas nas OSCE (DUARTE, 2014).

Conclusão

A partir da pesquisa, concluímos que mesmo após o fim da URSS, a Rússia vem tentando recuperar a hegemonia na região do Cáucaso, isso porque, após diversas tentativas de se aproximar do

Ocidente, nos primeiros anos após o fim da URSS, o Kremlin conseguiu melhorar suas relações, principalmente com os EUA, mas elas não foram suficientes para tirar a Rússia da crise e com isso, os russos partiram para uma nova estratégia que era a aproximação com a Ásia, a Oriente Médio, América Latina e com suas repúblicas vizinhas, com quem ela quer manter essa sua reserva de poder para influenciar no equilíbrio do cenário internacional. Os russos estão fazendo isto a partir de medidas que os aproximam da Armênia e do Azerbaijão, como por exemplo medidas que reforçam seus laços de segurança com a Armênia e mantendo suas relações econômicas muito fortes com o Azerbaijão.

No conflito, a Rússia também vem sendo uma mediadora da paz na região, isso a partir do Grupo Minsk, que vem tentando fazer com que os dois países se entendam. Mas, essas atitudes são de certa forma questionáveis, pois, mesmo se dizendo neutro, o país vem tentando se aproveitar do conflito aumentando sua zona de influencia.

Assim, quanto à posição da Rússia no conflito, podemos concluir que ela mudou bastante do governo de Gorbachev para o de Yeltsin e os interesses do último governo abordado se intensificou na era Putin.

Quanto à relação da crise ucraniana no conflito, durante a pesquisa, não foi encontrado um motivo plausível para que pudéssemos afirmar que esta crise é uma das protagonistas no descongelamento do conflito no Nagorno-Karabakh. Levando em conta o que foi considerado, concluímos que seriam necessárias mais pesquisas nesse campo para poder confirmar ou não se há relação da Ucrânia com o conflito.

Em vista os argumentos apresentados, chegamos a conclusão que União Europeia, os Estados Unidos e a Rússia vêm tentando juntos resolver o conflito, mas as intenções são diferentes. Os EUA tem grande interesse de cercar a Rússia a partir de relações diplomáticas e econômicas mais fortes com ex-repúblicas soviéticas, principalmente o Azerbaijão, que na década de 90 selou acordos econômicos com grandes empresas de petróleo do Ocidente. A intenção dos americanos é diminuir a zona de influencia dos russos nesta área. A União Europeia também tem interesses em cercar países em volta do Mar Negro, principalmente por motivos econômicos, pois toda a região é rica em recursos energéticos.

Além disso, podemos confirmar a hipótese que a Rússia exerce uma influencia sobre as ex-repúblicas soviéticas, mas que vem sen-

do abaladas devido a esses conflitos. Podemos confirmar também que a Rússia vem realizando manobras políticas para mediar o conflito, mas ao mesmo tempo se beneficiar com ele.

Portanto, é visível a busca tanto da Rússia, quanto dos EUA e da UE pela maximização de poder e influencia, tendo a hegemonia na região como fim último, ações essas que são baseadas no pressuposto da racionalidade desses atores que buscam por meios estratégicos realizar os seus interesses.

Em termos de conclusão, o conflito do Nagorno-Karabakh por apresentar a presença de atores geopolíticos e uma multifacetada rede de interesses por trás dele, pode ser considerado como um microcosmo da região em que se localiza. Desta forma, para impelir a sua agenda de política internacional, qualquer um desses atores podem interferir ali já que esta é uma região de extrema importância econômica devido ao petróleo.

Referências

ALLES, Leonardo Miguel. **Uma questão caucasiana: nagorno-karabakh**. Revista Mundorama, 2011. Disponível em: <<https://www.mundorama.net/?p=8894>>. Acesso em: 5 jun. 2016.

ARMENIA / **Azerbaijan**: yeltsin wants nagorno-karabakh summint. [S.l.]: Radio free Europe, Out. 1997. Disponível em: <<https://www.rferl.org/a/1086964.html>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

ARMENIAETERNA. EUA diz que não vai aceitar eleições em Nagorno-Karabakh. [S. l.], 2015. Disponível em: <<http://armeniaeterna.com.br/eua-diz-que-nao-vai-aceitar-eleicoes-em-nagorno-karabakh/>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

BARNETT, Michael; LEVY, Jack. **Domestic sources of alliances** and alignments: the case of Egypt, 1962-73 - Volume 45. 1991.

BBC BRASIL. **Entenda o conflito envolvendo Rússia e Geórgia na Ossétia do Sul**. Brasília, 8 ago. 2016. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2008/08/080808_entenda_ossetia_cg.shtml>. Acessado em: 21 maio 2017.

BIZZOTTO, Marcia. **Acordos entre UE e ex republicas soviéticas devem agravar crise com a Rússia**. 27 jun, 2014. Disponível em > http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/06/140627_acordo_ue_republicas_soviéticas_lgb< Acesso em: 30 mai, 2016.

BLAGOV, Sergei. **Russia rushes to mediate in Nagorno-Karabakh conflict**. *Asia Times*, 2016. Disponível em: <<http://atimes.com/2016/04/russia-rushes-to-mediate-in-nagorno-karabakh-conflict/>>. Acesso em: 30 mai. 2016.

BOEING, Ana Paula S. **A noção de guerra justa em face do direito à vida e da dignidade da pessoa humana**. Santa Catarina: OAB, 2011, Disponível

em: <<http://www.oab-sc.org.br/artigos/nocao-guerra-justa-em-face-do-direito-vida-e-dignidade-pessoa-humana/393>>. Acesso em: 06 jun. 2016.

CAMPOS, Kellimeire. **Pensamentos internacionalistas**: o realismo ofensivo. Belém: Internacional Amazônia, 2014. Disponível em: <<http://internacionalamazonia.blogspot.com.br/2014/09/pensamentos-internacionalistas.html>>. Acesso em: 29 mai. 2016.

COELHO, Gonçalo Esteves. **Nagorno-Karabakh o eterno conflito entre Arménia e Azerbaijão**. [S.l.]: Ardinias24, 2016. Disponível em: <<http://www.ardinas.pt/index.php/2016/04/16/nagorno-karabakh-o-eterno-conflito-entre-armenia-e-azerbajao/>>. Acesso em: 29 maio 2016.

CONSIGLIO, Stefano. No, solo Ucraina: l'interesse della Russia nella Repubblica Del Nagorno-Karabakh. **International Business Times**, 2014. Disponível em: <<http://it.ibtimes.com/non-solo-ucraina-linteresse-della-russia-nella-repubblica-del-nagorno-karabakh-1355909>>. Acesso em: 29 maio 2016.

DINIS, Paulo Francisco Cunha. **A autonomia da Geórgia e a política externa Russa**: uma análise do Cáucaso á luz da teoria da regionalização. 2013. 81 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Políticos de Área) - Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2013.

DUARTE, Paulo. **As ambições e estratégias das grandes potências na Ásia Central**: o realismo da Rússia e da União Europeia. 2014. Portal de Sumários e Periódicos da ESPM, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p.69-71, 2014.

FERNANDES, Márcia de Paiva. Diversificar para desenvolver: o objetivo econômico do Azerbaijão. **Conjuntura Internacional**, 2013. Disponível em: <<https://pucminasconjuntura.wordpress.com/2013/04/19/diversificar-para-desenvolver-o-objetivo-economico-do-azerbajao/>>. Acesso em: 29 maio 2016.

FEDYASHIN, Andrei. **A quem interessa reativar a guerra de Nagorno-Karabakh**. Sputnik News, 2014. Disponível em: <http://br.sputniknews.com/portuguese.ruvr.ru/news/2014_08_04/A-quem-interessa-reativar-a-guerra-de-Nagorno-Karabakh-8042/>. Acesso em: 29 de maio de 2016.

FRADE, Carmén. **Política energética da união europeia**: segurança e cooperação. 2013. 115 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa, 2013. Disponível em: <<https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/6480/3/TESE%20CARMEN.pdf>>. Acesso em: 29 mai. 2016.

FUHRMANN, Nadia. **Luta por reconhecimento**: reflexões sobre a teoria de Axel Honneth e as origens dos conflitos sociais, Barbarói, Santa Cruz do Sul, n.38, p. 79-96, jan./jun. 2013. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/2586>>. Acesso em: 30 mai. 2016.

GARIBOV, Azad. **Why the OSCE keeps failing to make peace in Nagorno-Karabakh**. The National Interest, 2016. Disponível em: <<http://nationalinterest.org/blog/the-buzz/why-the-osce-keeps-failing-make-peace-nagorno-karabakh-1616>>. Acesso em: 3 de jun, 2016.

GOUVEIA, José Fialho. **Nagorno-Karabakh**: os mais graves conflitos desde 1994. DN, 2016. Disponível em:<<http://www.dn.pt/mundo/interior/nagorno>

-karabakh-os-mais-graves-conflitos-desde-1994-5108778.html/>. Acesso em: 30 mai. 2016.

HERSZENHORN, David, M. Clashes Intensify Between Armenia and Azerbaijan Over Disputed Land. Nova York, 2015. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2015/02/01/world/asia/clashes-intensify-between-armenia-and-azerbaijan-over-disputed-land.html?_r=0> Acesso em: 18 mai. 2017.

INDJAIAN, Maria Carolina. **Importante declaração do grupo OSCE Minsk, que media o conflito entre Artsakh e Azerbaijão**. Portal Estação Armenia, 2016. Disponível em: <<http://estacaoarmenia.com.br/45645/importante-declaracao-do-grupo-osce-minsk-que-media-o-conflito-entre-artsakh-e-azerbaijao/>>. Acesso em: 30 mai. 2016.

KOLYANDR, Alexander. Putin hosts Armenian and Azerbaijani presidents for talks on Nagorno Karabakh. Foreign Policy News, Ago 2014. Disponível em: <<http://foreignpolicynews.org/2014/08/11/putin-hosts-armenian-azerbaijani-presidents-talks-nagorno-karabakh/>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

LAZARTE, Rolando. **Pluralismo religioso e diálogo inter-religioso**. Consciência.net, 2012. Disponível em: <<http://consciencia.net/pluralismo-religioso-e-dialogo-inter-religioso/>>. Acesso em: 29 mai. 2016.

MACHADO, Lauren; SOUZA, Bruno. **A política externa e atuação russa no Conselho de Segurança das Nações Unidas de 1991 a 2014**. Revista de Geopolítica, v. 6, n.1, p. 46 - 64, jan./jun. 2015.

MAMMADOV, Farhad. **The Gorbachev factor in the Karabakh conflict**. Visions of Azerbaijan, Fev. 2012. Disponível em: <<http://www.visions.az/en/news/359/bc242690/>>. Acesso em: 20 maio 2017.

MARESCA, John J. **Agony of Indifference in Nagorno Karabakh**. The Christian Science Monitor, p. 19, 27 June 1994. Disponível em: <<http://www.csmonitor.com/1994/0627/27191.html>>. Acesso em: 29 de maio 2016.

MEARSHEIMER, John. **An offensive realist's view of China and crimean crisis**. Tóquio: Tokyo Foundation Forum, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3ZV97GUdHzA>>. Acesso em: 20 maio 2017.

MEARSHEIMER, John J. **The causes and consequences of the Ukraine crisis**. Chicago: Universidade de Chicago, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JrMiSQAGOS4>>. Acesso em: 31 maio 2017.

MEARSHEIMER, John J. **The tragedy of great power politics**. Nova York: Norton and Company, 2001.

MEARSHEIMER, John J. **Why the Ukraine crisis is the west's fault: the liberal delusions that provoked Putin**. Foreign Affairs, Nova York, 2014. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/russia-fsu/2014-08-18/why-ukraine-crisis-west-sfault>>. Acesso em: 20 maio 2017.

MENDONÇA, R. F. **“Democracia e desigualdade: as contribuições da teoria do reconhecimento”**, Revista Brasileira de Ciência Política, 2012. Disponível em: ><http://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/7745/5978><. Acesso em: 28 de maio de 2016.

NICHOL, Jim. **Georgia [Republic] and NATO Enlargement: Issues and Implications**. Washington: CRS Report for Congress, 2008. Disponível em: < research.policyarchive.org/20134.pdf>. Acesso em: 19 maio 2017.

OSCE. **A Historia**. Disponível em: <<http://www.gddc.pt/direitos-humanos/sist-europeu-dh/osce-historia.html>>. Acesso em: 03 de mai. 2016.

OVAL.AZ. **History of the Nagorno-Karabakh Region of the Republic of Azerbaijan**: the history of Karabakh is rooted in an antiquity, and it is one of the historic provinces of Azerbaijan, an important political, culturel, and spiritual center. [S. l.]: OVAL, 2017. Disponível em: <<http://oval.az/history-of-the-nagorno-karabakh-region-of-the-republic-of-azerbaijan/>> Acesso em: 28 jun. 2017.

RAIMONDO, Justin. **Nagorno-Karabakh: The April Fool's War**. Anti War, 2016 Disponível em: <<http://original.antiwar.com/justin/2016/04/03/nagorno-karabakh-april-fools-war/>>. Acesso em: 30 de mai, 2016.

RUBIN, Jeffrey; PRUIT, Dean G.; KIM, Sung Hee. **Social Conflitct**: escalation, stalemate and settlement. New York, McGraw-Hill, 1994 (2a edição).

RUIZ, Francisco J. **O papel da Rússia no conflito de Nagorno-Karabakh**, Gazeta Russa, 2014. Disponível em: <http://gazetarussa.com.br/internacional/2014/03/26/o_papel_da_russia_no_conflito_de_nagorno-karabakh_24825>. Acesso em: 29 de mai de 2016.

STATE. Secretary Kerry's Meeting With Azerbaijani President Ilham Aliyev. Disponível em: <<http://www.state.gov/r/pa/prs/ps/2016/03/255351.htm>>. Acesso em: 30 de maio, 2016.

SOUZA, André M.; MORAES, Rodrigo F. **Coalizões globais lideradas pelos Estados Unidos na Guerra ao Terror (2001-2011)**: para além do unilateralismo. Contexto Internacional, v. 37, n. 2, maio/ago. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cint/v37n2/0102-8529-cint-37-02-00763.pdf>> Acesso em: 18 maio 2017.

STONE, David R. **A Military History of Russia: From Ivan the Terrible to the War in Chechnya**. Westport: Praeger Security International, 2006.

TERRA. **Azerbaijão diz que Armênia deve esperar libertação de Nagorno-Karabakh**. [S. l.]: Notícias, 2017. Disponível em: <<https://noticias.terra.com.br/mundo/asia/azerbaijao-diz-que-armenia-deve-esperar-libertacao-de-nagorno-karabakh,44fbf696cc9b6b541b4820c7427a9d77pv1zgfq7.html>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

WAAL, Thomas. **Losing control in the Caucasus. / Russia's involvement in a conflict between Armenia and Azerbaijan is likely to do more harm than good**. Politico, 2015, Disponível em: <<http://www.politico.eu/article/losing-control-in-the-caucasus-armenia-azerbaijan-russia-nagorno-karabakh/>>. Acesso em: 30 de mai, 2016.

WALT, Stephen M. **The origins of alliances**. Ithaca: Cornell University Press, 1987.

WALTZ, Kenneth N. **Theory of international politics**. Nova York: Random House, 1979.

WALTZ, Kenneth. Teoria das Relações Internacionais. Trad. Port. Lisboa: Gradiva, 2002.

WALKER, Gabriela. **Armênia e Azerbaijão ensaiam retomada de conflito interrompido há décadas**. Correio Brasiliense, 2014. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2014/08/17/interna_mundo,442729/armenia-e-azerbaijao-ensaia-retomada-de-conflito-interrompido-ha-decadas.shtml>. Acesso em: 05 de jun, 2016.

WEBER, Lourenço. **Relação entre Armênia e Azerbaijão**: Parte 5. Núcleo de Estudos Multidisciplinar de Relações Internacionais, 02 ago. 2016. Disponível em: <<https://nemrisp.wordpress.com/2016/08/02/relacao-entre-armenia-e-azerbaijao-parte-5/>>. Acesso em: 20 maio 2017.

XAVIER, João R. G. Z. **A política externa da Rússia: O Referendo da Criméia e os efeitos na região do Nagorno-Karabakh**, 2015. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/conjunturaglobal/files/2016/02/1-Joao-Ricardo-Guilherme-Zimmer-Xavier1.pdf>>. Acesso em: 29 de mai. 2016.

Recebido em: 06/09/2017

Aprovado em: 01/05/2017